

NOTAS SOBRE PARTIDO-MOVIMENTO
Diferença e Equivalência na Hipótese Podemos

Paulo Roberto Elias de Souza

UFABC – Universidade Federal do ABC, São Paulo/Brasil

Contato: paulorobertosouza@ymail.com

Claudio Luis de Camargo Penteado

UFABC – Universidade Federal do ABC, São Paulo/Brasil

Contato: claudiocpenteado@gmail.com

**Trabalho preparado para sua apresentação no 9º Congresso Latinoamericano de
Ciência Política, organizado pela Associação Latinoamericana de Ciência Política
(ALACIP). Montevideo, 26 a 28 de julho de 2017.**

NOTAS SOBRE PARTIDO-MOVIMENTO: DIFERENÇA E EQUIVALÊNCIA NA HIPÓTESE PODEMOS

*Paulo Roberto Elias de Souza¹
Claudio Luis de Camargo Penteado²*

RESUMO

O objetivo desse trabalho é refletir acerca do conceito de *partido-movimento* a partir da hipótese do *Podemos* da Espanha. Baseado nos conceitos e estratégias da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e a articulação política do partido espanhol é proposta uma categorização através do debate conceitual dos principais conceitos articulados em torno do *Podemos*, da análise do conceito histórico proposto por Kitschelt que debatem o conceito de partido-movimento e a emergência do partido espanhol, juntamente com entrevistas e discursos políticos das principais lideranças. Deste modo, pretende-se contribuir para uma categorização contemporânea do conceito de acordo com a estrutura e dinâmica do partido espanhol. Os resultados indicam que a emergente forma-partido é uma articulação entre movimentos sociais e ativistas autônomos que mantêm a diferença enquanto agentes da sociedade civil e que estabelecem equivalência em torno de uma confluência para disputas eleitorais e ação política nas instituições liberais-democráticas.

Palavras-chave: *Diferença, Equivalência, Partido-Movimento, Podemos, Teoria do Discurso.*

¹Doutorando em Ciências Humanas e Sociais pela UFABC – Universidade Federal do ABC, SP, Brasil. Pesquisador do Laboratório de Tecnologias Livres, Lab Livre/UFABC. Bolsista Capes. Contato: paulorobertosouza@ymail.com.

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, Brasil. Professor da UFABC. Pesquisador do Lab Livre/UFABC. Contato: claudiopenteado@gmail.com.

Introdução

Um novo espectro ronda a Europa, é o espectro do partido-movimento. Conservadores, neoliberais, mas também a esquerda tradicional, mostraram preocupação com a nova-forma partido que começa a ganhar relevância em países do sul europeu, dentre eles na Espanha, aonde surgiu no início de 2014 o *Podemos*, o “tipo-ideal” partido-movimento utilizado como referência neste artigo. Mas essa forma-partido não ficou restrita ao velho mundo e já influencia a política no hemisfério Sul.

Em tempos de crise econômica, eclodida em 2008, e crise política-institucional do bipartidarismo espanhol, ressaltada com as ocupações de ruas e praças em 2011, especialmente pelo movimento 15M, abriu-se uma lacuna no campo político para a emergência de novas estratégias e novos movimentos e organização políticas. Os cartazes e palavras de ordem “Não nos representam” e “Democracia Real Já” marcaram o acontecimento que denunciou o vazio entre representantes e representados na Espanha. Da articulação iniciada em 2011 que surgiu o *Podemos* três anos depois.

O recebimento entusiasmado por boa parte da esquerda órfã e de intelectuais heterodoxos e contemporâneos chamou a atenção rapidamente e tornou o pequeno partido em espanhol na terceira força em seu país e em um novo paradigma para a esquerda ocidental. Foram vários os resultados positivos eleitoralmente do *Podemos* desde o manifesto “Mover Ficha: convertir la indignación en em cambio político” de janeiro de 2014³: três meses depois o novato conquistou cinco cadeiras no Parlamento europeu.

Em 2015, nas eleições municipais, o partido-movimento conseguiu grandes vitórias nas principais cidades espanholas. Na capital Madri com a juíza aposentada e defensora dos direitos humanos, Manuela Carmena⁴; Barcelona, capital da Catalunha, com a ativista de movimento de moradia e primeira prefeita pós-redemocratização da cidade, Ada Colau⁵; a capital andaluza Cádiz com o professor de história José Maria González, o “Kichi”⁶; em uma coalização com a esquerda nacionalista basca, ajudou a eleger o prefeito de Bilbao, Juan

³Disponível em <<https://www.cuartopoder.es/wp-content/uploads/2014/01/Mover-ficha-convertir-la-indignacion-%CC%81n-en-cambio-poli%CC%81tico.pdf>>, último acesso em 20/07/2017.

⁴ Disponível em <<http://www.elmundo.es/madrid/2015/03/10/54feebe7ca47418f088b456e.html>>. Último acesso em 17/07/2017.

⁵ Disponível em <<http://www.lavanguardia.com/local/barcelona/20150613/54432223322/ada-colau-alcalde-de-barcelona.html>>. Último acesso em 17/07/2017.

María Aburto⁷ no país basco; e, em Valência, capital da comunidade valenciana, também contribuiu para eleger o advogado catalão Joan Ribó pela coalizão *Compromís*⁸. Rapidamente o Podemos se tornou uma alternativa para além do bipartidarismo do conservador PP e do socialdemocrata PSOE e passou a mirar o *Palacio de la Moncloa*⁹.

A primeira eleição nacional disputada pelo *Podemos* ocorreu no final de 2015, cujo pleito ocorreu dia 20 de dezembro (20D). Na ocasião, o partido-movimento recebeu 20,65% dos votos válidos, logo atrás do PSOE (22,02%) e um pouco mais distante do PP (28,72%)¹⁰. O resultado e as negociações que se seguiram até março de 2016 não permitiram a formação de uma coalizão capaz de eleger o Presidente da Espanha. Outro pleito foi marcado para 26 de junho de 2016 e para a nova eleição o *Podemos* estabeleceu uma aliança com alguns partidos regionais e com a *Izquierda Unida*, uma coligação de partidos de esquerda, dentre eles o tradicional Partido Comunista Espanhol.

O *Podemos* surge como consequência de uma confluência entre acadêmicos, movimentos autonomistas, identitários, boa parte envolvida diretamente nas mobilizações do 15M, tem como algumas das principais referências teóricas e políticas autores considerados marxistas heterodoxos e/ou pós-marxistas, tais como Michael Hardt, Antonio Negri, Alain Badiou, Slavoj Žižek e, especialmente, o filósofo Ernesto Laclau e a cientista política Chantal Mouffe, cuja perspectiva teórica tem, dentre os principais objetivos, a crítica à esquerda tradicional e ao pós-político contemporâneo (o fim da história de Francis Fukuyama, mas também da teoria do consenso de Jürgen Habermas, Anthony Downs e John Rawls, além da

⁶ Disponível em < <http://www.elmundo.es/andalucia/2015/06/13/557bfc2a46163fc02f8b4570.html>>. Último acesso em 17/04/2017.

⁷ Disponível em < <http://www.lavanguardia.com/local/pais-vasco/20150613/54432769206/juan-maria-aburto-alcalde-bilbao.html>>. Último acesso em 17/07/2017.

⁸ Disponível em < <http://www.abc.es/local-comunidad-valenciana/20150524/abci-joan-ribo-ecologista-podria-201505250200.html>>. Último acesso em 17/07/2017.

⁹ A última tentativa ocorreu no mês de junho de 2017 no qual, com o aumento e conhecimentos de novos escândalos políticos envolvendo o PP do primeiro-ministro Mariano Rajoy, o *Podemos* apresentou uma *Moción de Censura* na qual pediu o afastamento de Rajoy e condução de Pablo Iglesias à presidência do governo espanhol até que novas eleições ocorressem. No entanto, a *Moción* foi derrotada em votação no Congresso espanhol. Disponível em < https://politica.elpais.com/politica/2017/06/13/actualidad/1497330380_345578.html>. Acesso em 20/07/2017;

¹⁰ Disponível em < <http://elecciones.eldiario.es/20d/analisis/>>, último acesso em 17/07/2017. O emergente *Ciudadanos* obteve 13,93% dos votos válidos. Durante todo o período de negociações para possíveis coalizões para indicação de chefe de governo, o líder do partido, o catalão Albert Rivera, buscou acordo tanto com PP quanto com PSOE, ao contrário do próprio discurso do partido, uma espécie de *Podemos* neoliberal, apesar de divergências dos autores desse trabalho quanto ao *Ciudadanos* ser um partido-movimento.

terceira via de Anthony Giddens e Ulrich Beck (Mouffe, 2015), além de proposições de novas formas e estratégias de ação para a esquerda contemporânea.

Partícipes e influenciados pelas mobilizações de Maio de 1968 e por algumas das principais referências intelectuais pós-estruturalistas, como Jacques Derrida e Jacques Lacan. De um diálogo inovador entre esses autores e o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci, diante da emergência de novas e dispersas agendas, os autores pós-marxistas desenvolveram nas últimas três décadas (Laclau faleceu em 2014) uma extensa teoria de críticas ao que eles denominavam de marxismo essencialista e ao imobilismo da socialdemocracia, especialmente a europeia, diante da ofensiva do neoliberalismo (Errejón; Mouffe, 2015).

O ponto de partida da crítica dos autores, no clássico *Hegemonia e Estratégia Socialista* (Laclau; Mouffe, 2015) de 1985, é o rompimento com as duas narrativas dominantes no campo da esquerda tradicional: a de orientação revolucionária – de tomada violenta do poder, de origem jacobina – e a socialdemocrata, naquele momento já demonstrando a perspectiva burocrática e que acaba por abdicar do seu papel alternativo na disputa pela hegemonia. Em ambas as perspectivas, oriundas das II Internacional Socialista (Iglesias, , a centralidade da classe trabalhadora como sujeito histórico da superação do sistema capitalista, orientou os compromissos e ações políticas desses tipos de partido para aqueles que seriam os interesses e que criariam as condições para a tomada do poder por essa classe social.

Assim, abriu-se uma janela de oportunidades para novos agentes e grupos políticos que não se sentiam representados em suas mais diversas questões, desde materiais até relacionadas à identidade mais complexa do que apenas um sujeito de determinada classe social, ao mesmo tempo em que termos como “partidos políticos”, “esquerda”, “direita” tornaram-se significantes vazios e ignoráveis. Especialmente após o fim do “socialismo realmente existente”, apenas uma ordem hegemônica orientou a gestão de diversos países e, conseqüentemente, as ações dos partidos políticos tradicionais.

Nesse contexto, desde os movimentos antiglobalização, passando pelas experiências latino-americanas de governos populistas de esquerda até a emergência de novos partidos, têm em comum a preocupação em buscar novas formas organizativas e participativas na política institucional, mas principalmente na sociedade civil, no âmbito do político (Mouffe, 2015). Dentre essas experiências, emergiram novos partidos em contextos de crise que buscam corresponder a estas expectativas e objetivos. A eles, Boaventura de Sousa Santos (2014)

classificou como partidos-movimentos e o termo foi prontamente assimilado por algumas lideranças de um emergente partido espanhol: o *Podemos*. Mas o que seria, como categoria de análise para a ciência política? Qual seria o tipo-ideal de partido-movimento? Partido-movimento e movimento-partido seriam a mesma forma-partido?

Diante dessas questões, o objetivo principal deste artigo é contribuir para o debate em torno da categorização de *partido-movimento* a partir da hipótese do *Podemos*, sob uma perspectiva da teoria do discurso de Laclau e Mouffe e nas particularidades desta forma-partido que a distingue do modelo de partido político tradicional e da categorização inicial de partido-movimento conceituada por Kitschelt (2003) na qual o conceito era aplicado a partidos identitários que se organizavam em partido tradicional para disputas eleitorais, como no caso dos verdes na Alemanha, mas que não se estendeu a outros grupos identitários e, a partir da emergência de partidos como o *Podemos*, necessita de uma revisão. Para tanto, a categorização de partido-movimento através da hipótese *Podemos* debate histórico-conceitual a partir dos conceitos e categorias da teoria do discurso de Laclau e Mouffe.

Tal opção de construção conceitual está intrinsecamente ligada às opções teóricas e estratégicas adotadas pelas principais lideranças do *Podemos* oriundas da academia, principalmente do departamento de Ciência Política da Universidade Complutense de Madri. Enquanto Íñigo Errejón realizou sua pesquisa de doutorado na Bolívia, analisando o processo constituinte conduzido pelo MAS (Movimiento al Socialismo) e seu líder populista Evo Morales (Errejón, 2012).

Da mesma forma, apesar do contexto diferente, a tese doutoral de Pablo Iglesias – o principal líder do partido-movimento – se empenhou nos estudos dos movimentos antiglobalização na Europa na virada para o século XXI (Iglesias, 2008). Outro fator relevante é certamente o acúmulo de vitórias eleitorais do partido-movimento espanhol em pouco mais de três anos de existência. Ademais, o estabelecimento de uma rede de *Círculos*, e a heterodoxia nos temas e identidades diversas abordadas nesses espaços, permite fazer uma leitura mais próxima daquilo que é entendido

Nesse sentido, a partir do estabelecimento das bases conceituais que fundamentam a categorização do objeto, a categoria de partido-movimento aqui estabelecida será debatida com a categoria de Kitschelt, buscando compreender as similaridades e diferenças que fazem necessária a atualização conceitual para o caso *Podemos*. Por fim, a rede de *Círculos* do

partido espanhol será utilizada como exemplo para compreender o funcionamento prático dessa experiência contemporânea.

O artigo está estruturado em mais duas partes além dessa introdução, seguidas das considerações finais. Na parte a seguir, será apresentado brevemente o histórico do conceito e sua distinção em relação àquilo que ficou-se conhecido como partido político, as primeiras experiências e influências, e as conjunturas que possibilitam e que orientam a emergência da forma-partido contemporânea, que será debatida na seção seguinte, a partir da experiência do *Podemos* e que tem o exemplo dos *Círculos* para ilustrar brevemente a dinâmica de um partido-movimento contemporâneo. No encerramento do artigo, os autores realizam algumas reflexões acerca da forma-partido, da hipótese *Podemos* e das possibilidades futuras de adoção e influência desse tipo de partido nas democracias-liberais.

1. Histórico do conceito de partido-movimento

Inicialmente, os partidos políticos modernos são a evolução positiva das facções, caracterizadas por Voltaire como algo negativo em sua essência. Do mesmo modo, o federalista Madison se preocupou no desenvolvimento de um União capaz não somente de evitar insurreições, como também se proteger das facções e das violências por estas geradas (Madison *In Federalistas*, 1979).

Dentre as principais definições clássicas de partido político moderno, uma das mais consagradas certamente é a de Max Weber para quem partidos são

relações associativas baseadas em recrutamento (formalmente) livre com o fim de proporcionar a seus dirigentes dentro de uma associação e, por meio disso, a seus membros ativos, oportunidades (ideais ou materiais) de realizar fins objetivos ou de obter vantagens pessoais, ou ambas as coisas. (Weber, 2012, p. 188).

Grupos de indivíduos com interesses comuns dentro de um contexto no qual as regras pré-estabelecidas são aceitas consensualmente entre os mais diversos partidos e agentes políticos envolvidos na luta hegemônica.

Para as correntes da esquerda tradicional, revolucionária ou reformista, partido político significa instrumento de mobilização, organização, formação e de luta da classe trabalhadora, seja para a tomada de poder pela via revolucionária, seja para ganhar eleições via sufrágio.

Para Antonio Gramsci, o partido é elemento fundamental para estabelecer a luta hegemônica contra a hegemonia burguesa dominante nas sociedades capitalistas (Filippini *in* Liguori; Voza, 2017).

O entusiasmo com a participação no interior do partido é uma marca histórica dos partidos políticos de esquerda socialdemocratas/trabalhistas e seus correspondentes em democracias-liberais, mas geralmente como uma orientação “piramidal”, composta por comitê central ou executiva, distribuídas por regiões e/ou representações profissionais e dentro das quais se alocavam outras lutas e demandas de caráter mais identitário – quando ocorriam.

Nas últimas quatro décadas, em decorrência das limitações internas no campo da esquerda do século XX, grupos políticos identitários cresceram de forma significativa fora dos partidos políticos: a sociedade civil então viu a se expandir a emergência do protagonismo de organizações feministas, LGBTTQI, imigrantes e refugiados, moradia, ecologistas etc. De repente, diversos ativistas e intelectuais de esquerda abriram uma grande feridas nas instituições de esquerda quando denunciaram as limitações das leituras, estratégias e estruturas desses partidos políticos. Desse modo, houve uma grande movimentação de ativistas de dentro dos partidos – que ficaram ainda mais dominados por políticos burocratas no caso dos socialdemocratas e/ou ultrapassados e sem respostas, no caso dos partidos comunistas e revolucionários – para movimentos sociais autônomos, reconfigurando e expandido os organismos da sociedade civil (Errejón; Mouffe, 2015).

Na transição dos anos 1970 para os anos 1980, alguns desses movimentos buscaram ocupar espaço nos parlamentos da Europa ocidental, buscando o encurtamento e autonomia na condução de suas pautas. Surgem assim as primeiras experiências daquilo que foi categorizado como partido-movimento, como será explicitado a seguir.

Segundo Herbert Kitschelt (2003), os ativistas de alguns movimentos sociais, ao identificar uma certa limitação nas ações à margem da política formal, passaram a ser organizar como partidos políticos mais heterodoxos, desenvolvendo outras formas de organização e ação, influenciadas especialmente por experiências mais horizontalizadas – característica essa que reaparecerá ainda mais forte no caso contemporâneo, especialmente com as possibilidades de organização que a internet e as tecnologias de informação e comunicação trouxeram.

O pioneirismo nesse processo de formação enquanto “partido-movimento” está com os partidos de bandeiras relacionadas ao meio-ambiente, os chamados “verdes” europeus, nos

quais movimentos sociais ecologistas, no início da década de 1980, passaram a se organizar em torno de uma agenda em comum a ser incluída, debatida e disputada nos âmbitos institucionais de participação política a partir da eleição de representantes nos Congressos de países do velho continente. Surge assim o conceito de *partido-movimento* ou *movimento-partido*¹¹, cuja dinâmica essencial consiste em manter ações políticas paralelas, e não necessariamente simétricas, como movimento social e como partido político.

A incidência dessa forma-partido ainda é tímida e, nos últimos vinte anos, divide e/ou disputa a agenda política com movimentos sociais, cada um com suas bandeiras bem específicas e de forma desarticulada. Mas a centrífuga da democracia liberal-representativa engoliu praticamente todos esses partidos que, de maneira geral, transformaram-se em grupos políticos secundários a serem cooptados e agregados a grandes coalizões políticas garantidoras da governabilidade. Abre-se então um hiato representativo e uma dispersão em diversas pautas temáticas entre os movimentos sociais, cuja emergência do *Fórum Social Mundial* e as experiências de esquerda do Hemisfério Sul – principalmente América Latina – iniciaram um processo de reaproximação entre os mesmos e, conseqüentemente, abre-se a necessidade de uma nova forma-partido (Santos, 2014).

Voltando à categoria a ser aqui discutida: conceitualmente os partidos-movimentos “são coalizões de ativistas políticos que emanam de movimentos sociais e tentam aplicar as práticas organizacionais e estratégicas dos movimentos sociais na arena de competição partidária.”¹² (Kitschelt in Crotty e Katz, 2003, p. 280).

No entanto, essa conceituação torna-se obsoleta quando nos voltamos para a experiência do *Podemos*, e de outros partidos emergente, que tem uma diferença significativa em relação aos primeiros partidos-movimentos: enquanto que os antigos vieram a ser partidos temáticos, com bandeiras muito específicas, *Podemos* buscam reunir em um mesmo projeto as mais diversas bandeiras outrora dispersas. Essa proposta fica clara no *Documento Final del Programa Colaborativo*¹³, elaborado às vésperas das eleições para o Parlamento Europeu, na

¹¹O *Partido Pirata* brasileiro se autodenomina “movimento-partido”, enquanto que *Podemos* se autodenomina “Partido-Movimento”. Neste trabalho, optou-se por utilizar a terminologia adotada pela maioria dos pelos partidos abordados e citados nesse trabalho e com a qual consideramos ser etimologicamente mais adequado, e que será mais bem explicitado no decorrer artigo, assim como o entendimento de que *Podemos* e *Piratas* são ambos “partido-movimento”, apesar de algumas diferenças.

¹²Original em inglês “coalitions of political activists who emanate from social movements and try to apply the organizational and strategic practices of social movements in the arena of party competition”. Tradução dos autores.

¹³Disponível em <[Documento Final del Programa Colaborativo - Podemos](#)>. Acesso em 15/07/2017.

qual o partido conquistou cinco das 54 cadeiras da Espanha em Bruxelas¹⁴. O processo de elaboração do documento respeitou o processo padrão dos Círculos, em que a partir de um rascunho inicial do propositor inicia-se o processo respeitando as seguintes etapas: (i) debate e apontamentos *online* de caráter individual; (ii) emendas coletivas dos Círculos Podemos; (iii) referendo *online* sobre as emendas.

As literaturas da ciência política e filosofia política pouco ou quase não se debruçaram sobre essa emergente forma-partido que já no início dos anos 1980 começavam a emergir não somente na Europa, mas também na América Latina, com o único partido de massas da história do Brasil: o PT – Partido dos Trabalhadores.

De acordo com Lincoln Secco, a origem do PT é consequência de uma articulação inédita no Brasil entre sindicatos, movimentos sociais de base e intelectuais em torno de um projeto único de partido. Até esse ponto, sem desconsiderar ou minimizar a história de todos os agentes da sociedade civil envolvidos, são perceptíveis as características de um partido-movimento na história do PT, especialmente nas organizações de debates internos e prévias para a indicação de candidatos. No entanto, na leitura do trabalho de Secco (2015) percebe-se que centralização e o pragmatismo foram mais frequentes na evolução histórica do partido.

Assim, como podemos observar no decorrer dessa história do primeiro e único grande partido de massas nacional que chegou ao Governo Federal do Brasil em 2002, com o passar dos anos os debates, lutas e convergências internas entre movimentos sociais e tendências dentro do partido foram substituídas por debates entre tendências até a hegemonia de um grupo majoritário que acabou por centralizar, burocratizar e controlar o partido, especialmente após os anos de governo federal (Secco, 2015). Assim, nesse trabalho não é refutada a experiência inicial do PT que orienta as bases estruturais de alguns partidos-movimentos contemporâneos. Mas isso esgotou-se ainda na primeira década do partido que hoje pode vir a ser considerado um partido de bases e estruturas sociaisdemocratas, com suas virtudes e seus demônios.

Tanto Boaventura de Sousa Santos (2014) quanto Immanuel Wallerstein (2015), dois teóricos importantes para a esquerda heterodoxa contemporânea aponta alguns partidos-movimentos (com características de esquerda) já existentes na Europa: na Grécia, o Syriza

¹⁴Disponível em <http://politica.elpais.com/politica/2014/05/25/actualidad/1401009854_060215.html>. Acesso em 15/07/17.

que chegou ao poder ainda em 2014; em Portugal, o Bloco de Esquerda; além, de claro, o Podemos na Espanha.

No entanto, Boaventura ressalta que, ao contrário do *Podemos*, os outros partidos ainda carregam consigo algumas marcas da guerra fria, da polarização da segunda metade do século XX, da qual o partido-movimento espanhol está livre. Deste modo, esses partidos ainda precisam amadurecer em alguns pontos para chegarem mais próximos ao tipo-ideal de partido-movimento. Acrescenta-se aqui o fato de que o Podemos nasce em uma conjuntura de organização distribuída, fugindo da estrutura tradicional dos partidos políticos, como veremos mais adiante.

2. A hipótese Podemos para o partido-movimento contemporâneo

A negação de Laclau e Mouffe à esquerda tradicional aponta aqueles que não seriam capazes de conduzir esse processo, uma vez que os discursos desses grupos estão carregados de significantes vazios, isto é, significantes sem significado e que precisa ser subvertido para ganhar um significado dentro de uma estrutura social (Laclau, 2011). Mas, diante desta problemática, o que fazer?

A possibilidade de superação dessa dualidade, segundo Laclau e Mouffe (2015) seria a emergência de blocos históricos capazes de articular as demandas classistas às demandas identitárias, em uma estratégia de estabelecer os adversários hegemônicos nos mais diversos campos sociais e confrontá-lo com alternativas contra-hegemônicas de acordo com a conjuntura.

Um elemento importante de distinção entre o *Podemos* e a “casta” política tradicional é fundamentada na análise do político desenvolvida por Chantal Mouffe. Segundo a autora, o ciclo das duas principais alternativas de esquerda do século XX, a revolucionária e a socialdemocrata, se esgotaram: a primeira, em decorrência da dificuldade de combinar igualdade e liberdade; e, a segunda por transformar-se em mera gestora operacional do Estado neoliberal. Ademais, ambas as alternativas não se adaptaram ao tempo histórico que trouxe consigo novas demandas ao centro do tabuleiro político, superando o espaço marginal que tiveram dentro das organizações tradicionais de esquerda, cuja centralidade eram as demandas

de classes sociais, mais especificamente da classe trabalhadora, conforme já dito anteriormente (Mouffe, 2015).

Deste modo, a perspectiva adotada por Laclau (2015) indica que é preciso estabelecer dentro de uma totalidade institucional/diferencial aquilo que é particular e aquilo que é universal ao grupo (ou bloco histórico, para usar a terminologia gramsciana adotada de maneira heterodoxa pelo autor), buscando assim estabelecer uma coesão (ou confluência, nos termos podemistas) em questões de interesse comum. É importante ressaltar aqui que esse ambiente para o estabelecimento de um bloco histórico alternativo são as democracias liberais e, no limite, o objetivo seria radicalizar a democracia por dentro do sistema (Laclau e Mouffe, 2015; Mouffe, 2015).

São, portanto, dois momentos de estabelecimento do social: o primeiro enquanto *diferença*, compondo os grupos de formas distintas entre si, por exemplo, feministas, LGBTQBT, moradia etc.; e, o segundo, de *equivalência*, quando esses grupos se articulam entre si a partir das demandas comuns. Desta coesão é que se constituiria o social que Laclau denomina como “Povo”, entendido como protagonista do processo político. Mas como operacionalizar essa articulação? Como estabelecer as diferenças e mais, respeitar a autonomia de ação dos diferentes? E como estabelecer a cadeia de equivalências capaz de articular esses diferentes em torno de um projeto comum?

O *Podemos* se apresenta como hipótese de participação orgânica na construção das ações e programas político-partidários a partir da base, da promoção de debates e deliberação pública através dos *Círculos*, em suas mais diversas formas e configurações. Dos mais de mil *Círculos* ativos, há um espectro de amplo: locais, municipais, estaduais (região autônoma), de gênero, feministas, jurídicos, acadêmicos, de refugiados, econômicos, ambientalistas, dentre outros. Os *Círculos* se articulam entre si por temas de abordagem – o que é classificado aqui como *diferença* – e com os demais por temas gerais – *equivalência* –, realizando debates, deliberações e referendos que orientam as ações dos e das representantes nas esferas representativas e administrativas. Assim, a organização garante por um lado, a autonomia dos diferentes e, por outro lado, uma cadeia de equivalência que represente a totalidade do partido. Essa é a hipótese *Podemos* enquanto partido-movimento. Abaixo, é apresentado o entendimento dessa dinâmica e interrelação entre partido político e movimentos sociais, com a distinção entre os dois âmbitos: a *política* e o *político*. Para tanto, serão apresentados brevemente o *Podemos* partido político e o(s) *Podemos* movimento(s) social(ais).

2.1. O partido Podemos

É impossível pensar partidos heterodoxos por completo nas democracias-liberais, uma vez que cada país tem as regras mínimas para que um partido político assim possa sê-lo e disputar eleições. Nesse sentido, estrutura partidária do *Podemos* não foge à regra espanhola. No estatuto do partido-movimento.

O partido institucionalizado é o espaço da *política* (o nível ôntico), caracterizada por Chantal Mouffe (2015, p. 8) como “o conjunto de práticas e instituições por meio das quais uma ordem é criada, organizando a coexistência humana no contexto conflituoso produzido pelo político”. Nesse sentido, o *Podemos* enquanto partido seria, no limite, o instrumento pelo qual o *Podemos* movimento tentaria viabilizar a sua agenda. Neste ponto, há uma relativização do poder de decisão e autonomia das lideranças políticas em relação àqueles cujos quais busca representar.

2.2. O(s) movimento(s) Podemos

Os movimentos sociais que compõem o *Podemos* atuam no espaço social do *político* (nível ontológico de fundação da sociedade), entendido de acordo com a cientista política belga como o espaço de *antagonismo* e debate para a criação e estabelecimento de agendas de acordo com os interesses dos agentes envolvidos (Mouffe, 2015). Esses movimentos estão disputando a agenda por reconhecimento de identidades, direitos, igualdade de gênero, além de luta por questões materiais como moradia, seguridade social, dentre outros. A definição dessa agenda ocorre entre aqueles que se identificam com determinados temas.

Dentro dos *Círculos Podemos* deve ocorrer o estabelecimento do *agonismo*, o debate entre adversários que se estabelece inicialmente internamente (externamente deve ocorrer no âmbito da política, entre os representantes), nos quais os agentes envolvidos mobilizam discursivamente paixões e razões na disputa política. Mas o que são os *Círculos*?

Os *Círculos* são organizados pelos agentes envolvidos e interessados na criação e, principalmente, na manutenção do partido-movimento. Segundo o sítio do *Podemos*, os

Círculos são espaços públicos de debate e deliberação política para todos os interessados em determinados temas:

Cada círculo é um espaço de participação no qual a sociedade redige e defende um programa para fazer frente à conjuntura de emergência em que vivem os povos do Sul da Europa, assim como um espaço de protagonismo cidadão destas Eleições ao Parlamento Europeu.

Ao mesmo tempo, cada círculo é um lugar de construção de unidade popular que se transforma não através da discussão interminável, senão a partir da tomada de decisões conjuntas e de trabalho coletivo concreto. (Podemos, 2014) (tradução dos autores)¹⁵.

Uma importante distinção em relação às instâncias (em geral presenciais) de debate e deliberação dos partidos tradicionais diz respeito à possibilidade de qualquer cidadão participar da vida política dos Círculos sem a necessidade de ser filiado ao *Podemos*. Assim, se há um debate iniciado por qualquer Círculo acerca de uma questão específica que interessa a um cidadão que tem grande interesse sobre o tema, este apenas precisa se inscrever no portal de participação do partido, com e-mail e documento válido para participar dos debates.

Os temas abordados pelos círculos são variados, desde questões nacionais e emergenciais (na maioria) até questões internacionais. O primeiro grande documento consequência dos Círculos é o *Documento Final del Programa Colaborativo*, elaborado às vésperas das eleições para o Parlamento Europeu, na qual o partido conquistou cinco das 54 cadeiras da Espanha em Bruxelas¹⁶.

O desafio aqui é duplo, manter a autonomia dos movimentos sociais e conseguir estabelecer o diálogo entre eles em torno de uma pauta comum: a fissura aberta na esquerda tradicional abdica de tentar suturá-la e busca formar um novo corpo: a esse corpo que categorizamos como *partido-movimento: Um híbrido entre movimento social e partido político, ora atuando como o primeiro, ora como o segundo*.

A ideia em torno do conceito de partido-movimento é que se trata antes de tudo de um movimento social organizado de forma horizontal e de ampla e irrestrita participação de agentes interessados e que podem realizar debates e organizar ações políticas nos mais

¹⁵Texto original: “Cada círculo es un espacio de participación en el que la sociedad redacta y defiende un programa para hacer frente a la coyuntura de emergencia que viven los pueblos del sur de Europa, así como un espacio de protagonismo ciudadano de estas elecciones al Parlamento Europeo. Al mismo tiempo, cada círculo es un lugar de construcción de unidad popular, que se conforma no a través de la discusión interminable, sino a partir de la toma de decisiones conjunta y del trabajo colectivo concreto”. Disponível em <<http://podemos.info/circuitos/>>. Acesso em 19/07/2017.

¹⁶ Disponível em <http://politica.elpais.com/politica/2014/05/25/actualidad/1401009854_060215.html>. Último cesso em 20/07/2017.

determinados temas de acordo com outros agentes. Em momentos de processo eleitorais e/ou lutas políticas dentro de um âmbito institucional determinado, o movimento se organiza como partido político, com estrutura verticalizada, comandado por lideranças indicadas pelos integrantes do movimento.

Nesse sentido, a hipótese Podemos é a vanguarda desta nova forma-partido, sendo possível encontrar algumas experiências que se inspiram no grupo espanhol: no Brasil, está em processo de desenvolvimento a *Raiz Movimento Cidadanista*¹⁷. Conduzido por políticos, intelectuais e ativistas, a proposta é se organizar pela base para depois se institucionalizar como partido político. Da mesma forma como o *Podemos* capitalizou as manifestações dos Indignados para si, o *Raiz* tenta capitalizar as manifestações das Jornadas de Junho de 2013 que ocorreram em grandes cidades brasileiras.

Ainda em processo de regularização como partido político, a Raiz já participa de algumas importantes confluências nas eleições municipais de 2016 no Brasil, como no caso de São Paulo, cidade na qual uma das idealizadoras do novo partido, Luiza Erundina, encabeça uma chapa junto com um partido tradicional (PSOL – Partido Socialismo e Liberdade)¹⁸, movimentos sociais, identitários e um partido-movimento, aliás, A #partida¹⁹.

A mistura de crescente popularidade de partidos-movimento e da impopularidade de partido político dentro dos marcos tradicionais abriu uma nova janela de oportunidades para diversos grupos optarem pela autoidentificação com o primeiro conceito em detrimento do segundo. No Brasil, diversos grupos passaram a se autocaracterizar como tal. O caso mais emblemático é o *Podemos*²⁰: antigo PTN – Partido Trabalhista Nacional, o partido mudou de nome e conceito. A partir de agora um partido-movimento alinhado “com causas”, como disse o senador recém-filiado ao partido, Álvaro Dias, do Estado do Paraná, região sul do Brasil²¹.

¹⁷ Disponível em <<http://www.raiz.org.br/>>. Acesso em 20/07/2017.

¹⁸ Informalmente, os autores deste trabalho souberam da possibilidade da Raiz abdicar da institucionalização e agregar-se ao PSOL em um processo de transmutação para partido-movimento por parte do segundo. No entanto, até o finalização deste artigo, a Raiz ainda pedia assinaturas para o processo de institucionalização do partido.

¹⁹ Página da #partida na rede social Facebook disponível em <<https://www.facebook.com/sigapartida/>>. Último acesso em 20/07/2016.

²⁰ Sítio do partido disponível em <<https://podemos.org.br/>>, último acesso em 20/07/2017.

²¹ Entrevista de Álvaro Dias disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/caixa-zero/alvaro-dias-podemos-presidencia-entrevista/>>. Último acesso em 20/07/2017. Seria irresponsável afirmar que o *Podemos* brasileiro é, a priori, uma farsa. No entanto, o fato de ser um partido pré-existente que mudou de nome e ter à frente políticos com histórico em diversos partidos à direita e à esquerda, a indicação sem qualquer debate prévio

Dada a heterogeneidade dos grupos que se autointitulam partidos-movimentos atualmente, cabe aqui uma breve distinção de dois tipos predominantes.

2.1. Dois tipos de Partido-movimento

Se por um lado o conceito de partido-movimento proposto por Kitschelt para sustentar uma experiência tão inovadora como a do Podemos, por outro lado, ainda mantém-se de acordo com a proposta dos tradicionais verdes, mas também com emergentes partidos de pautas específicas, tais como a #partida e os partidos Piratas²². É com estes exemplos que este trabalho propõe essa distinção entre partido-movimento do modelo adotado por estes grupos políticos e daquele adotado pelo *Podemos*.

Assim, faz-se necessária a distinção entre dois tipos de partidos-movimentos que aqui são propostos como:

- *partido-movimento transversal*: formado por um conjunto de lideranças políticas, ativistas e, movimentos sociais e identitários com uma agenda política universalista estabelecida transversalmente através da equivalência entre as agendas particulares estabelecidas pelos agentes que atuam no âmbito do político, cujo qual o *Podemos* seria o tipo-ideal desta forma-partido;

- *partido-movimento temáticos ou identitários*: compreendido como uma extensão para o âmbito da política de movimentos sociais autônomos que se institucionalizam para lutar no campo institucional para a negociação e adoção

de Álvaro Dias como candidato do partido nas eleições para a presidência da República em 2018 (na verdade, sugere-se que a condição imposta pelo senador para migrar para o partido foi a indicação como candidato à presidência) (disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/politica/república/em-convencao-fora-de-epoca-podemos-lanca-alvaro-dias-candidato-a-presidente-3p2wprm3wowi2z8bawfvq5ko1>>, último acesso em 20/07/2017), assim como a não identificação de movimentos sociais organicamente ligados à essa transformação – ou transmutação – do PTN indicam que o partido precisa de algum trabalho de reestruturação orgânica para ser caracterizado como partido-movimento.

²²Disponível em <http://info.abril.com.br/noticias/seguranca/2015/03/partido-pirata-se-torna-o-maior-partido-politico-da-islandia.shtml>. Acesso em 28/08/2015. No Brasil, o partido ainda está em processo de institucionalização; sítio oficial disponível em <http://partidopirata.org/>. Acesso em 28/05/2017.

desta agenda específica e autônoma, tais como os partidos verdes tradicionais, e cujo principal expoente contemporâneo é o *Partido Pirata*.

O *Pirate Party* já é realidade em diversos países ao redor do mundo, sendo a versão Suécia a pioneira. Destaque para o partido islandês que desempenhou um importante papel de articulação no país e que, nos últimos tempos, passou a ser o partido preferido dos islandeses, ganhando espaço considerável para disputar as próximas eleições da Islândia²³. A principal agenda fundadora do partido era pela defesa dos *creative commons*, *copyleft* e neutralidade na rede mundial de computadores, vulgo internet. No entanto, os mais representativos como o islandês, estão em busca de interlocução com outros movimentos para ampliar esta agenda.

Considerações finais

A emergência dos primeiros partidos descritos por Kitschelt tem uma contextualização histórica importante, pouco tempo depois de Maio de 68 e da emergência da autonomia dos movimentos identitários fora dos partidos políticos tradicionais. A situação, como a dos movimentos ambientalistas europeus, era de autonomia e agenda centralizada que enxergou na institucionalização uma oportunidade de conseguir avanços na tentativa de aplicação da agenda própria, singular, do movimento social. A emergência dessa segunda onda tem nas janelas de oportunidades abertas nas crises representativas das democracias-liberais e na insuficiência de representatividade dos partidos tradicionais de esquerda, no caso do *Podemos*.

A categorização de partido-movimento a partir da hipótese do *Podemos* busca contribuir para o estabelecimento de um ponto de partida para compreender o porque dessa distinção em relação aos partidos políticos tradicionais, de siglas, com “P” no início e não com palavras de ordem e/ou categorias mais amplas na autoidentificação.

Acredita-se aqui que o *Podemos* é um modelo que tende a ser testado em outros países é necessário uma vez que a primeira categorização não é suficiente diante da proposta e complexidade da articulação deste novo modelo, pois categoriza o partido-movimento como a

²³Disponível

em http://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2016/10/29/interna_internacional,819155/islandia-partido-pirata-pode-se-fortalecer-em-eleicao-de-novo-governo.shtml, último acesso em 20/07/2017.

institucionalização do movimento social. Assim, é proposto neste trabalho duas categorias distintas de *partido-movimento*: o transversal, como o *Podemos*, e o *temático e/ou identitário*, como os partidos verdes, piradas e outros que estão a surgir.

Nesta forma-partido, o partido político registrado é a forma institucional do movimento social e vice-versa. No *partido-movimento transversal* conceituado a partir da contemporaneidade na medida em que este busca uma articulação entre diversos movimentos sociais e identitários em torno de uma agenda minimamente comum, ao mesmo tempo em que as agendas particulares são definidas de autonomamente. Os *partidos-movimentos temáticos e/ou identitários*, por outro lado, apostam na institucionalização para lutar mais autonomamente pelas próprias demandas. São agendas autônomas e particularistas.

O ponto de partida do estabelecimento do conceito de partido-movimento deste trabalho é orientado por uma posição clara (mesmo que não clara discursivamente) do *Podemos* à esquerda do espectro político espanhol e no qual alguns outros partidos correspondentes estão inseridos. Mas é preciso evitar conceder um monopólio de uma forma-partido a apenas um lado do espectro político, mesmo que este seja o pioneiro e mais identificado com esse tipo de estrutura.

Nesse sentido, não seria nenhuma surpresa e acredita-se ser possível em breve a emergência de partidos-movimentos à direita do espectro político, na medida em que estes se apresentem dentro daquilo que se espera de um partido-movimento, isto é, que mantenha relação orgânica com movimentos sociais, com o debate e deliberação pública no campo do político, e que isso influencie diretamente na escolha de representantes, de posicionamento, votações e ações políticas no campo da política.

Ademais, a inovação na forma de organização e manutenção do *Podemos*, com suas virtudes e seus problemas, contribui para o estabelecimento de um novo paradigma para a esquerda contemporânea, uma vez que buscar botar em prática a ousada tarefa de rearticular diversas bandeiras de esquerda, com liberdade e igualdade de protagonismo, respeitando as diferenças e buscando a equivalência em torno de uma possibilidade de “Povo” (Laclau, 2015).

Os *Círculos Podemos* são uma importante forma de organização para a gestão e manutenção da forma-partido adotada pelo *Podemos*, uma vez que, como apresentado anteriormente, foram dos *Círculos* que saíram os principais programas eleitorais do *Podemos*, desde o primeiro pleito para o Parlamento Europeu até o nacional utilizado nas duas últimas

eleições gerais espanholas, em dezembro de 2015 e junho de 2016, sendo os especialistas dos temas os grandes protagonistas das pautas de diferença e negociadores da pauta de equivalência. Portanto, é impossível conceber uma organização política como partido-movimento sem levar em consideração alguma estruturação semelhante, independentemente da autodenominação.

As experiências dos partidos-movimentos estão apenas no início – ou são ainda hipóteses – mas certamente a estrutura sedutora tende a mobilizar e gerar diversas experiências nas sociedades democráticas contemporâneas.

Dado sucesso relativo de alguns desse partidos, tais como *Podemos*, mas também o *Bloco de Esquerda* em Portugal e o *Syriza* na Grécia, certamente surgirão diversos “partidos-movimentos”. Cabe aos interessados no tema o diálogo entre o discurso político e a análise prática das estruturas, participação e ações políticas desses novos grupos, além do compromisso com a ordem democrática pré-estabelecida nos contextos nos quais vierem a participar ativamente.

Referências bibliográficas

BRAGA, Maria do Socorro Sousa. Democracia e organização nos partidos políticos: revisitando os microfundamentos de Michels. **Rev. Sociologia e Política**. Curitiba – PR, v. 2, n. 44, pp. 83-95, nov. 2012.

C'S – CIUDADANOS. Estatuto do partido político C's – Ciudadanos. Espanha, 2017. Disponível em <<http://www.ciudadanos-cs.org/estatico/docs/interna/protocolos/20141128/cs-estatutos-1.pdf>>.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

ERREJÓN, Íñigo; MOUFFE, Chantal. **Construir pueblo: hegemonía y radicalización de la democracia**. Icaria Editorial: Barcelona, ES, 2015.

ERREJÓN, Íñigo. Tesis Doctoral. **La lucha por la hegemonía durante el primer gobierno de MAS en Bolivia (2006-2009): un análisis discursivo**. Universidad Complutense de Madrid: Facultad de ciencias políticas y sociología. Madrid, 2012.

FILIPPINI, Michel. Partido [verbetes]. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale. **Dicionário Gramsciano**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017, pp. 604-607.

IGLESIAS Turrión, Pablo. **Multitud y acción colectiva postnacional: un estudio comparado de los desobedientes: de Itália a Madrid (2000-2005)**. Tesis Doctoral. Universidad Complutense de Madrid: Facultad de ciencias políticas y sociología. Madrid, 2008.

_____. Understanding Podemos. **New Left Review**. London, UK. N. 93, may-june, 2015a, pp. 6-22.

_____. Spain on the edge. **New Left Review**. London, UK. N. 93, may-june, 2015b, pp. 23-42.

KITSCHOLT, H. Movements Parties. In: KATZ, R.; CROTTY, W. (Org.). **Handbook of Party Politics**. London - UK, Thousand Oak – US, New Delhi – IN: SAGE Publications, 2003.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e Diferença**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.

_____. **A Razão Populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2015.

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015.

LOBERA, Josep; ROGERGO-GARCÍA, Jesús. La medición de la cristalización electoral del 15-M en Podemos. **XII Congreso Español de Sociología**. Gijón, España. 30 de junio de 2016. Disponível em <<http://www.fes-sociologia.com/files/congress/12/papers/2871.pdf>>.

MADISON, James. Capítulo X: Utilidade e União como preservativo contra as facções e insurreições. In: HAMILTON, Alexander; MADISON, James; JAY, John. **O Federalista [Os Pensadores]**. São Paulo: Abril Cultural 1979.

MOUFFE, Chantal. **El retorno de lo Político: comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical**. Barcelona, España: Paidós, 1999.

_____. Por um modelo agonístico de democracia. **Revista Sociologia e Política**. Curitiba, 25, pp. 11-23, nov. 2005.

_____. **Sobre o Político**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2015.

OPPO, Ana. Partidos políticos [verbete]. In: BOBBIO, Norberto; Matteucci, Nicola; PASQUINA, Gianfranco. **Dicionário de Política – volume 2**. 13. Edição. Brasília: Ed. UnB, 2010, pp. 898-905.

PODEMOS. 2016. Sítio do partido político Podemos, Espanha. Disponível em <<http://podemos.info/>>.

_____. Estatutos del partido político PODEMOS. España, 2017. Disponível em <https://participa.podemos.info/pdf/estatutos_de_podemos.pdf>.

PODEMOS – MUDAR O BRASIL. Sítio do partido político Podemos, Brasil. Disponível em <<https://podemos.org.br/>>.

PP. Estatuto do partido político PP – Partido Popular. Espanha, 2017. Disponível em <http://www.pp.es/sites/default/files/documentos/estatutos_xvii.pdf>.

PSOE. Estatuto do partido político PSOE – Partido Socialista Obrero Español. Espanha, 2017. Disponível em <<http://www.psoe.es/media-content/2015/04/Estatutos-Federales-38-Congreso-Federal-PSOE.pdf>>.

SANTOS, Boaventura de Sousa A onda Podemos. **Agência Carta Maior**. Sítio de notícias, 18/11/2014. Disponível em <<http://cartamaior.com.br/?/Coluna/A-onda-Podemos/32260>>.

SARTORI, Giovanni. **Partidos y sistemas de partidos**. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

SECCO, Lincoln. **História do PT**. 4. Ed. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

STEPHANOWITZ, Helena. Partidos mudam de nome, excluem o “P” e querem ser chamados de movimento. **Rede Brasil Atual**. Sítio de notícias, 10/07/2017. Disponível em <<http://www.redebrasilatual.com.br/blogs/helena/2017/07/em-busca-de-votos-partidos-mudam-de-nome-excluem-o-2018p2019-e-querem-ser-chamados-de-movimento>>.

VIEIRA, Anamaria Modesto. **Ainda há esperança na política?:** a web e a formação do Partido Pirata do Brasil. 2015. 110 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. A hora e a vez dos partidos-movimentos. **Outras palavras: Comunicação compartilhada e pós capitalismo**. Sítio de notícias, 15/06/2015. Disponível em <<http://outraspalavras.net/posts/wallerstein-limites-e-esperancas-dos-partidos-movimentos/>>.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Volume 1. 4. Edição. Brasília: Ed. UnB, 2012.